

Impresso no Brasil

Copyright © da 1ª Edição, 2019, Instituto Langage

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

EDITORES

Erika Parlato-Oliveira
Sergio Lopes de Oliveira

EDITOR TÉCNICO

Celso Riquena

CONSELHO EDITORIAL

Christian Ingo Lenz Dunker
Christian Hoffmann
Erika Parlato-Oliveira
Michèle Benhaim
Yorgos Dimitriadis

PROJETO GRÁFICO

Thiago Pagin

CAPA

Thiago Pagin

REVISÃO

João Vitor dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dunker, Christian Ingo Lenz / Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud: uma hipótese de leitura – São Paulo: Instituto Langage, 2019.
96p.; 17 cm.

ISBN 978-85-62686-38-2

1. Psicanálise 2. Clínica psicanalítica 3. Pesquisa 4. Epistemologia

CDD 150 CDU 159.9

INSTITUTO LANGAGE

Alameda Santos, 1398 - conj. 67 - São Paulo, SP
Telefone: (11) 3473 5458

www.institutolangage.com.br

institutolangage@institutolangage.com.br

facebook.com/Instituto-Langage



Instituto
Langage

1. Referências e Contextos	6
2. Comentário sobre a “Introdução”	29
3. Uma Hipótese de Leitura	34
4. O Sentido da Letra	50
5. A Letra no Inconsciente	67
6. A Letra, o Ser e o Outro	93

1. REFERÊNCIAS E CONTEXTOS

Em 9 de maio de 1957 Jacques Lacan pronuncia, no Anfiteatro Descartes da Sorbonne, uma conferência para o grupo de Filosofia da Confederação dos Estudantes de Letras. Entre 14 e 16 de maio do mesmo ano ele redige o texto final que é publicado no terceiro volume da revista *La Psychanalyse*, cujo tema geral era “Psicanálise e Ciências Humanas”. Um ano antes, ele havia usado pela primeira vez as noções de metáfora e metonímia, emprestadas ao linguista Roman Jakobson, de quem era amigo e quem o introduzira ao antropólogo Claude Lévy-Strauss. Pouco antes ele havia proferido a conferência “*Freud no Século*” (inserida como parte do Seminário III sobre *A Estrutura Freudiana das Psicoses*, na qual declarava sinteticamente seu programa de investigação e renovação da psicanálise, conhecido depois como “*Retorno a Freud*”). O retorno não é uma expressão indiferente aqui. No mesmo seminário Lacan havia proposto uma leitura original sobre o processo de desencadeamento da psicose, baseado na tese de que aquilo que não se inscreve no simbólico retorna no real. Quando o Nome-do-Pai não se inscreve no simbólico ele não opera uma metáfora formadora da subjetividade neurótica, a me-

táfora paterna. Esta não inscrição é chamada de foraclusão, em tradução criativa do termo freudiano *Verwerfung*.

Lacan tinha então 56 anos e a psicanálise, a etnologia e a linguística surgiam como promessa de reorganização das ciências humanas em meio ao corte com o pensamento existencialista francês do pós-guerra, ao que se vinculavam nomes como Sartre e Camus. O partido comunista francês declarava encerrada sua campanha contra a psicanálise em janeiro deste mesmo ano. Depois de emergir como uma potência psicanalítica nos anos 1920, com a formação de vários grupos de estudo e traduções de textos como “*Além do Princípio do Prazer*”, por Vygotsky e Luria, a psicanálise foi proscrita por Jdanov, criticada por Bahktin que via nela uma ciência burguesa, individualista e biologizante. Em 1956, um ano antes do discurso de Lacan aos estudantes de letras, Nikita Krushov denunciava os crimes de Stalin e ao mesmo tempo esmagava a primavera Húngara, logo antes da crise dos mísseis em Cuba e da persistência da Guerra Fria.

Vinte seis anos depois de “*Mal-Estar na Civilização*” a má boa nova e a má nova psicanalítica havia alcançado a psiquiatria psicodinâmica, a propaganda com Edward Bernais, a psicologia com seus testes projetivos, a filosofia das ciências com Bachelard e Althusser, a teoria crítica

com Horkheimer, Adorno e Marcuse e as artes com a retomada do surrealismo pelas neovanguardas dos vindouros anos 1960.

Na França a guerra da Argélia. No cinema assistia-se “*A Ponte do Rio Kwai*” de David Lean, junto com a *Nouvelle Vague*, no céu Sputnik era o primeiro satélite artificial, em Liverpool John Lennon encontrava Paul McCartney, dando origem aos Beatles. No Brasil começava a Bossa Nova. Na psicanálise, morria Wilhelm Reich e Melanie Klein publicava “*Inveja e Gratidão*”.

Para Lacan o tema da linguagem não é novo. Ele começou suas pesquisas em neurologia estudando a escrita dos esquizofrênicos, em busca de sinais que permitiriam inferir ou antever a psicose. Ele provinha da escola de Jules Séglas que publicara em 1892 o clássico “*O Problemas de Linguagem nos Alienados*”¹ e era fascinado pelos artigos de Paul Guirauld² sobre o duplo sentido das palavras no delírio. Em sua tese de doutorado sobre “*A Psicose Paranoica em suas Relações com a Personalidade*”³ ele estuda os escritos de Marguerite Pantaine, internada sob seus cuidados, depois de tentar ferir uma atriz parisiense.

1. Séglas, Jules (1892) *Les Troubles du Langage chez les Aliènes*. Paris: Harmattan, 2010.

2. Guirauld, Paul (1931) *Les meurtres immotivés*, in *L'Évolution psychiatrique*, pp. 599-605, Paris, 1931.

3. Lacan, Jacques (1932) *A Psicose Paranoica em suas relações com a Personalidade*. São Paulo: Forense Universitária, 1988.

Teria sido este interesse pela linguagem dos loucos que aproximou Lacan dos surrealistas depois da crítica favorável que Salvador Dali escreve sobre sua tese. Ele também se distancia da psiquiatria e da neurologia, onde se formara, dedicando-se ao estudo das línguas orientais, onde entra em contato com os estudos do chinês e do sânscrito, ao mesmo tempo em que frequenta os seminários de Alexander Kojève sobre a “*Fenomenologia do Espírito*” de Hegel. Em algum lugar entre as línguas antigas, que Lacan dominava com relativa facilidade e os estudos orientalistas Lacan encontra o linguista francês Damourrette, que trabalhara com o psicanalista Pichon, de quem Lacan era próximo, na elaboração de uma nova gramática do francês, cujo primeiro volume vem à luz um anos antes da tese de Lacan⁴. Desse texto Lacan recolhe peculiaridades do modo de negação inerentes à língua francesa, que serão usadas ao longo de toda a sua obra induzindo conceitos e influenciando sua maneira de entender o inconsciente.

Um ano depois da tese, ainda nas proximidades surrealistas, Lacan publica um poema na revista *Cahiers des Arts*, escrito em 1929 e chamado *Hiatus Irrationalis*:

4. DAMOURETTE, J; PICHON, E. (1931) Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française, 1911-1940. Paris: Éditions d'Artrey, 1943. v.6.

*Coisas, que corram em vós o suor ou a seiva,
Formas, que nascidas sejam da forja ou do sangue,
Vossa torrente não é mais densa que meu sonho;
E, se não os oprimo com um desejo incessante
Atravesso vossa água, desabo na areia,*

*onde me atrai o peso do meu demônio pensante.
Só, ele bate no duro chão onde o ser se eleva,
Ao mal cego e surdo, ao deus privado de sentido.
Mas, assim que parece todo verbo na minha
garganta,*

*Coisas, que nascidas sejam do sangue ou da forja,
Natureza, eu me perco no fluxo de um elemento:
Este que aninha em mim, o mesmo vos subleva,
Formas, que corram em vós o suor ou a seiva,
é o fogo que me faz vosso imortal amante.⁵*

É um poema que trabalha fortemente com a dualização como força indutora de uma metáfora implícita: o suor (do corpo) ou a seiva (da árvore) predica “coisas”, como que a explorar o limiar entre o humano e o inumano. O sangue (do corpo) ou a forja (da indústria), predica as

5. “Choses que coule en vous la sueur ou la sève. Formes, que vous naissiez de la forge ou du sang, Votre torrent n’est pas plus dense que mon rêve, Et si je ne vous bats d’un désir incessant, Je traverse votre eau, je tombe vers la greve Où m’attire le poids de mon démon pensant; Seul il heurte au sol dur sur quoi l’être s’élève, Le mal aveugle et sourd, le dieu privé de sens. Mais, sitôt que tout verbe a péri dans ma gorge, Choses qui jaillissez du sang ou de la forge, Nature, je me perds au flux d’un élément: Celui qui couve en moi, le même vous soulève, Formes que coule en vous la sueur ou la sève, C’est le feu qui me fait votre immortel amant.”

formas do humano e da desumanização pelo trabalho. A paradoxalidade contida nas expressões como “densidade do sonho” ou “demônio pensante”, redobra o problema da materialidade do ser desejante. O “ser pensante” contra o “chão duro”, a “água” contra a “areia”, assim como o ser “cego e surdo” diante de um “deus privado de sentido”. Coisas, natureza e formas, três aspectos da materialidade contrastam assim vivamente com o fogo, agora reunido à forja, que atua como substância transformante em um universo sem transcendência. Os indexadores de tempo, tais como “torrente” e “fluxo”, o que “corre em vós” assim como o “fogo” atuam como resposta ao problema da materialidade, aqui concluída pela “imortalidade do amante”. Nesse poema encontramos de forma seminal grandes temas que Lacan volta a enfrentar, 28 anos depois em seu texto sobre a *Instância da Letra*: o hiato como espaçamento negativo da linguagem, a materialidade das formas e a paradoxalidade do sentido, em um universo de razão e transformação desejante.

A primeira notícia que se tem do poema de Lacan data da carta de 1929 ao seu amigo Ferdinand Alquié, futuro autor de *Filosofia do Surrealismo*. Nessa primeira versão o poema se intitulava, em grego: *panta rheî*, referência ao dito de Heráclito, ou seja, “tudo é fluxo”, para o qual

a imagem do rio, no qual não se entra nunca duas vezes, é frequentemente evocada. A forma manuscrita do poema contém uma dedicatória: “*uma homenagem à melancolia*”⁶. Alquié vivia um amor louco, quiçá não correspondido, diante do qual oferece: “*O que poderia ajuda-lo, dentro dos limites do possível, quero dizer, do demandável?*”.

Lembremos que já no primeiro manifesto surrealista de 1924, “*Heráclito era surrealista na dialética*”. O fragmento que mais se aproxima da referência de Lacan a Heráclito (91D-k), empregado por Platão no Crátilo, indica a expressão “*kho-rei*” (andar) ou “*rhueai*” (guardar, livrar). A maneira como Lacan usa o termo grego, sem o acento exato e acrescentando uma letra (gama), poderia dar origem ao neologismo latino “*rugere*” (o rugido do poema). O jogo de palavras, em uma espécie de etimologia retórica é uma prática constante no ensino de Lacan, e possivelmente emerge de Michel Leiris, outro surrealista, por quem Lacan se interessa, precisamente nessa carta a Alquié.

A homenagem dos surrealistas a Heráclito retoma a ideia de combinação de elementos heterogêneos, por meio do qual a criação poética de metáforas faz emergir imagens situadas na junção de duas realidades, induzindo um efeito de transformação ou metamorfose. Por exemplo, a

6. Portilho, Juliana (2019) *Lacan e o Surrealismo*. Tese de Doutorado. Departamento de Filosofia da USP, pág. 93.

afirmação do Conde de Lautreamont, retomada pelos surrealistas, de que a *“beleza é o encontro entre uma máquina de escrever com um guarda-chuva, sobre uma mesa de dissecação”*. Temos aqui três imagens muito fortes para representar a linguagem: a morte (a escrita como permanência), a costura (o texto como tecido, a *téssera*) e o guarda-chuva (o meio universal). Elas são justapostas para criar um efeito de hiato entre elas e ao mesmo tempo uma unidade poética de significação, dada pela beleza como metáfora.

A criação da realidade, dotada pela razão, de um hiato é uma maneira de reescrever o princípio do fogo como causa da transformação. A proposição de Heráclito, retomada na origem do pensamento de Hegel, não serve apenas a uma espécie de dialética entre imagens e palavras, como se houvesse apenas uma alternância entre sentido literal e sentido metafórico. Se feito da maneira surrealista, ou seja, em estrutura de ato, cria-se uma juntura de realidades. Esse hiato da realidade com relação a ela mesma, esta desidentidade da realidade, funciona como causa indutora da metamorfose. Se isso é pertinente, encontramos nas origens do pensamento lacaniano uma ontologia do devir, no interior da qual o tempo é uma função crucial tanto da realidade como da verdade. Daí também que a noção de fluxo ou transformação origine uma

reflexão sobre o infinito. O devir é a união do ser e do nada, “*o fogo, neste sentido é o processo na forma real, na realidade; aquilo que tornaria o tempo, que é abstrato, real*”⁷.

Escrito em 1929 e publicado em 1933, o poema de Lacan é intercalado pela tese de 1932, “*Sobre a Psicose Paranoica em suas Relações com a Personalidade*”. Lacan procura aqui um modelo crítico e não metafísico de personalidade, o sentido subjetivo dos fenômenos objetivos da loucura. Assim como no poema, no qual o fogo parece ser um hiato de realidade, entre água e luz, na Tese Lacan propõe uma causalidade tripla para a paranoia de autopunição, uma composição entre causa eficiente (infância), causa ocasional (modificações da pulsão) e causa específica (tendência concreta e reativa). Mas contrariamente à solução mais simples, baseada na soma de fatores causais, e uma multiplicidade de substâncias (mental, orgânica, material, social), Lacan recorre ao monismo de Espinosa, para quem a substância não é a forma, a ordem das ideias é a ordem das coisas e a existência é ato, como maneira de reunir as determinações em um único princípio transformativo, equivalente ao fogo de Heráclito. A Tese representaria, portanto, uma versão pré-hegeliana do materialismo surrealis-

7. Idem: 100.

ta. Ela recebe apenas três resenhas, uma delas de Salvador Dalí e outra de Paul Nizan.

Ainda em 1933 Lacan publica dois pequenos textos na revista surrealista *Minotaure*, “*O Crime das Irmãs Papin*” e “*O Problema do Estilo e a Concepção Psiquiátrica das Formas Paranoicas da Experiência*”, no qual o problema da linguagem é crucial:

“O conhecimento desta sintaxe [da significação, da identificação e do delírio] nos parece uma introdução indispensável à compreensão dos valores simbólicos da arte, e muito particularmente os problemas do estilo (...) problemas sempre insolúveis para toda antropologia que não estiver liberada do realismo ingênuo do objeto”.⁸

O poema de Lacan, rebatizado como *Hiatus Irracionalis* é publicado em 1933 na revista surrealista *Le Phare de Neuilly*. A revista era conduzida por Lise Dharme, modelo e amante de Man Ray, retratada de costas na obra “*O Violão de Ingres*” (1924). Ela também aparece em *Nadja* (1928), de André Breton como “*a misteriosa dama da luva*”. No mesmo volume dessa revista aparece um poema de James Joyce, sobre a morte do pai e o nascimento do neto, uma evocação

8. Lacan, J. (1932) *O Problema do Estilo e a Concepção Psiquiátrica das Formas Paranoicas da Experiência*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

ao fluxo de vida e morte entre gerações, que lembra tematicamente o poema de Victor Hugo sobre *Booz Adormecido*.

O tema do quarto volume do *Farol de Neully* (aqui de novo a luz) é “*Observações sobre as tendências ambivalentes do funcionamento social*”. *Mal-Estar na Civilização*, editado a apenas três anos é mencionado explicitamente. A nova fase das doenças sociais, uma homenagem a *Anacharsis Cloots*, herói guilhotinado na revolução francesa, e a queima de livros na Alemanha de Hitler são mencionados. Ilustrando a edição, encontramos a foto de uma vela acesa (Bressai) e uma foto informe sobre a “*A luz do Dia*” de Lee Miller.

O novo título, “*Hiatus Irracionalis*” é aparentemente uma homenagem a tese de Alexander Koyré, de 1929, sobre a importância do pensamento de Jacob Bohême, para a origem do pensamento moderno. Bohême vinha da teologia e pensava a força não privativa do mal como um elemento de transformação, ou seja, a luz teria por antecedente a profunda escuridão. Essa teria sido a força impulsionadora da chegada do pensamento alemão na França, depois consagrada nas ideias de Hegel, Husserl e Heidegger. Segundo a tese de Koyré a divisão entre conhecimento e realidade está representada por um intervalo, um hiato, de onde, talvez, Lacan tirou a ideia título de seu poema.

Lembremos que Lacan traduziu o poema “Logos” de Heráclito e que seria possível dizer que é deste autor, filtrado pelo surrealismo, que emana a concepção primeira de Lacan sobre a linguagem. Segundo Lippi:

“Para resumir, a concepção heracliteana de logos baseia-se na reunião de duas hipóteses contraditórias: tudo se combina e se transforma ao mesmo tempo que existe um mundo, uno, estruturado submetido à medida. A realidade é móbil, ela flui (*panta rheî*), submetida a lei e a medida. A realidade móbil, fluxo, dá ao ser uma aparência caótica, possuída por uma ordem. logos faz conjunto de dois princípios opostos, transformação e ordem. Ordem como coleção ou ajuntamento (*rassemblement, Sammlung*) e logos como movimento dissonante.⁹

O problema da linguagem ocupará a atenção de Lacan em seu trabalho sobre *O estádio do espelho como formador da função do eu [Je], tal como nos é revelado na experiência psicanalítica*, em suas várias versões, até a de 1949 onde se lê que a definição sintética do referido estádio o descreve como:

“(…) a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com

9. Lippi, Silvia (2010) *Héraclite, Lacan : du logos au signifiant Recherches en psychanalyse* 2010/1 (n° 9), pages 55 à 62.

outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.”¹⁰

A linguagem é este universal do qual o sujeito é o singular. Estamos aqui novamente ás voltas com as formas e com a dialética, negativa, da identificação alienante do sujeito a seus objetos especulares. **É a materialidade da imagem, a sua forma objetiva que interessa a Lacan. Os atos de linguagem são a forja ou força indutora de uma transformação que ocorre no sujeito quando ele assume uma imagem, quando ele realiza simbolicamente uma imagem.**

Já no *Seminário I Escritos Técnicos de Freud*¹¹, de 1953, a palavra em suas diferentes funções, tal qual descreve a linguista Charlotte Bühler, ou a palavra, como significante e significado, tal como apresenta-se em Santo Agostinho, que conferem materialidade ao processo de transformação subjetiva que a psicanálise realiza. Ainda em 1953 no texto tido como inaugural do retorno a Freud, ou seja, *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* Lacan não menciona Saussure e seu entendimento de linguagem ainda é mais dialético do que estruturalista: a estruturação pré-verbal do imaginário, a

10. Lacan, Jacques (1949) *O estádio do espelho como formador da função do eu, [Je] tal como se nos é revelado na experiência psicanalítica*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

11. Lacan, Jacques (1953-1954) *O Seminário Livro I Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

sanção simbólica¹², a palavra plena e a palavra vazia¹³, a técnica de escuta¹⁴ e o valor do testemunho, a anamnese psicanalítica como verdade e não como realidade¹⁵, os meios da fala e o campo do discurso concreto que constitui a história do indivíduo¹⁶, o inconsciente como discurso transindividual e capítulo censurado, em branco ou ocupado por uma mentira¹⁷, que pode ser recuperado por meio dos documentos de arquivo, da evolução semântica, das tradições e dos vestígios¹⁸, o trabalho negativo da fala e sua relação com a lei da linguagem, tudo isso está referido à dialética do reconhecimento.

Até o *Seminário II Sobre o Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*¹⁹, de 1954, depois vertido em texto que abre os Escritos, ou seja, o *Seminário sobre a Carta Roubada*²⁰, de 1955, Lacan não havia conectado o inconsciente como uma totalidade estrutural, antes ele o

12. Lacan, Jacques (1953) *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pág. 243.

13. Idem: 248.

14. “Tomando o relato de uma história cotidiana por um apólogo que a bom entendedor de meias palavras, uma longa prosopopeia por uma interjeição direta, ou ao contrário, um simples lapso com uma declaração muito complexa ou até o suspiro de um silêncio por todo o desenvolvimento lírico que ele vem a suprir.” Idem, p. 253.

15. Idem: 257.

16. Idem: 259.

17. Idem: 260.

18. Idem: 261.

19. Lacan, Jacques (1954-1955) *Seminário II Sobre o Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

20. Lacan, Jacques (1955). *Seminário sobre a Carta Roubada*. In Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

aproximava de uma totalidade no tempo, ou seja um universal dialético.

No ano de 1957, antes de Instância da Letra, Lacan comparava o caso Dora ao da jovem homossexual, observando a incidência diferencial do falo²¹. A esta altura ele ainda designava o falo como pênis simbólico²² entendendo a doação ou o dom como ato de transmissão do desejo²³. Neste contexto assume especial relevância permutação da falta entre os elementos edipianos alternantes entre a identificação e a escolha de objeto²⁴, bem como suas reconfigurações narcísicas²⁵. Contudo, é apenas no interior da análise estrutural do mito do Pequeno Hans, em torno do cavalo e da girafa²⁶, que Lacan integra as *instâncias* Simbólico, Imaginário e Real, com as *funções* do pai, da mãe da criança e do falo, bem como com as *operações* de castração (falta simbólica), privação (falta real) e frustração (falta imaginária) e ainda os *lugares* necessários para isso: o sujeito e o objeto. Esta integração é feita a base de suas propriedades fundamentais por meio do qual significantes produzem equivalência e diferença entre si:

21. Lacan, Jacques (1956-1957) *O Seminário Livro IV A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pág. 95-11.

22. Idem: 112-132.

23. Idem: 133-150.

24. Idem: 153-166.

25. Idem: 167-181.

26. Idem: 248.

“Não se trata de substituição real, trata-se da substituição significativa e de saber o que ela significa. Resumindo-se trata-se de saber qual é a função da criança para a mãe, com referência ao falo que é o objeto de seu desejo. A questão anterior é: metáfora ou metonímia. Não é a mesma coisa que o fato da criança ser, por exemplo, a metáfora de seu amor pelo pai ou a metonímia de seu desejo do falo, que ela não tem ou não terá jamais.”²⁷

Na semana anterior à conferência sobre a *Instância da letra no inconsciente*, que marca uma verdadeira virada, rumo a linguística estrutural, no interior do retorno à Freud, Lacan fala do mito como um sistema de transformações significantes. Ele mostra como o complexo de trânsito (*Verkehrcomplex*) de Hans é a constelação maior na qual se insere o complexo do cavalo (*Pferdcomplex*)²⁸. O núcleo do complexo de castração, inclusive o sonho de angústia com a mãe, pode ser traduzido em relações lógicas como: medo de se perder, não conseguir sair, não poder voltar, partir com o pai. Neste sistema de relações a ambiguidade significativa entre “*wegen den dem Pferd*” (por causa do cavalo) e “*Wägen dem Pfred*” (carros ou carroças puxadas pelos cavalos), exercem um papel crucial no caso. Na metonímia en-

27. Ibidem.

28. Idem: 312.

tre as duas expressões foneticamente semelhantes (*wegen* e *Wägen*) Hans acaba por produzir o sintoma metafórico do cavalo²⁹.

Além disso, que progredia oralmente com a continuidade dos seminários, o ano de 1957 parece ter sido um ano de sistematização de desenvolvimentos anteriores, mas de refluxo do pensamento lacaniano. Nele aparecem “*Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956*”³⁰, “*Questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*”³¹ e “*Psicanálise e seu ensino*”³², cujo eco se percebe nas críticas ao “irracionalismo” e “anti-intelectualismo” dos psicanalistas, que aparecem ao final da segunda seção do texto. Também um parágrafo ao final da terceira seção anuncia o artigo sobre Gide³³, que aparecerá no ano seguinte. Portanto, parece um ano voltado para os temas mais ético políticos da formação dos psicanalistas e para a sistematização de ideias. Nessa paisagem Instância da letra inicia um novo capítulo no retorno a Freud.

Instância da Letra talvez tenha sido o texto mais comentado de Lacan. Isso pode ser explica-

29. Idem: 324.

30 Lacan, Jacques (1958) *Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

31. Lacan, Jacques (1958) *Questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

32. Lacan, Jacques (1958) *Psicanálise e seu ensino*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

33. Lacan, Jacques (1958) *Juventude de Gide*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

do pelo seu caráter bastante didático, principalmente se temos em mente o segundo capítulo, mas também por representar vigorosamente o estilo “literário”, muitas vezes chamado de gongórico, barroco ou maneirista de Lacan. Citemos alguns trabalhos mais significativos:

- (1) O comentário inaugural de Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe³⁴ tem o mérito de proceder um exaustivo e rigoroso exame da lógica do texto da *Instância da Letra*. Examina fontes, verifica referências e culmina em um belo diagrama que procura sintetizar todos os aspectos do texto. Notemos a ênfase heideggeriana aplicada à leitura com uma nítida valorização do pequeno capítulo final (*III. A letra, o ser e o outro*). Conta a favor desse trabalho o elogio feito pelo próprio Lacan³⁵ que elogia a exatidão da interpretação, mas salienta as “piores intenções” de seus autores. As polêmicas que se desenvolvem entre estes comentadores giram basicamente sobre o caráter metafísico da concepção de linguagem e sujeito, nele contido.
- (2) O trabalho de Gallop³⁶ tem outro contexto. Ela apresenta o texto de Lacan para um pú-

34. Jean-Luc Nancy & Philippe Lacoue-Labarthe - O Título da Letra (1973), Escuta, São Paulo 1991.

35. Lacan, J. – O Seminário Livro XX Mais ainda, Jorge Zahar p. 62-63.

36. Gallop, J. - Lendo Lacan, (1985), Imago, Rio de Janeiro, 1992.

blico anglófono, eminentemente literário, interessado em discussões em torno da teoria feminista e da desconstrução. Neste contexto sua exposição conta demais com elementos posteriores da obra de Lacan — a teoria dos discursos por exemplo — e sobrevaloriza o tema da metáfora e da metonímia como chave de leitura para a cultura. Na mesma linha Chaiting ³⁷ parece ampliar criticamente o mesmo plano de trabalho inaugurado por Gallop. Seu texto é extremamente rigoroso do ponto de vista da filosofia da linguagem e da teoria da retórica. Ele põe definitivamente a tradição de estudos culturais sobre a linguagem em diálogo com a obra de Lacan. Subsidiariamente vemos surgir uma discussão, quase técnica, em torno da primazia da metonímia sobre a metáfora, como quer Chaiting, contra uma primazia da metonímia sobre a metáfora, como quer Gallop. A medida que tal debate se desenvolve vamos ficando cada vez mais incertos afinal sobre o que é uma metáfora e o que é uma metonímia.

- (3) A terceira perspectiva de leitura pretende introduzir o público mais clínico ao percurso da obra de Lacan. No Brasil há vários empreendimentos que passam pelo texto da *Instância da*

³⁷ Chaiting G.D. - Rhetoric and Culture in Lacan -, Cambridge, 1996.

Letra procurando explicitá-lo, apresentando noções linguísticas ao lado de teses psicanalíticas: Dor³⁸, Masotta³⁹, Lemaire⁴⁰, Cabas⁴¹ e outros são bons exemplos. No quadro de investigações mais verticais temos um sistemático problema quanto ao uso deste texto, ele é muitas vezes usado para comentar passagens posteriores da obra de Lacan, ficando seu sentido assujeitado à força do texto posterior.⁴²

No conjunto pode-se considerar um texto extremamente representativo do pensamento de Lacan, pois articula e explicita dois diferentes projetos e programas de investigação que organizaram o chamado retorno à Freud, dos anos 1953 a 1960. Temos então um texto pendular onde dois polos se sucedem alternadamente: uma teoria linguística do inconsciente combinado com uma teoria dialética do sujeito. Entre eles está programa maior de inscrever a teoria freudiana e a prática da psicanálise sob a égide de uma crítica da razão,

38. Dor, J. – Introdução à Leitura de Lacan, Artes Médicas, Porto Alegre, 1998.

39. Masotta, O - Introdução à Leitura de Lacan (1985), Papyrus, Campinas, 1988.

40. Lemaire, A - Jacques Lacan – uma introdução (1969), Campus, Rio de Janeiro, 1977.

41. Cabas, A G. – Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan, Biblioteca Freudiana Brasileira- Moraes, São Paulo, 1982.

42. Neste sentido ainda, e apesar de Lacan, não nos libertamos do mito do estado final da teoria, da tentação de lê-la como um progresso sucessivo rumo à sua verdade final, ponto de onde todo o resto da obra deve se dobrar e para onde tudo deve convergir, desde o Apocalipse até o Gênesis.

em outras palavras, demonstrar que a experiência do inconsciente não é uma aventura de irracionalidade e intuição, mas um questionamento radical e interno dos limites da própria razão.

Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Já se disse que este **ou** pode ser lido de forma disjuntiva ou de forma conjuntiva, qual seja, como se a instância da letra fornecesse uma versão freudiana da racionalidade ocidental, daí a razão desde Freud ser um subtítulo que rediz o que o título já disse inscrevendo Freud no âmbito não apenas da linguagem, mas também da razão. Inversamente este **ou** pode indicar separação, tensão ou oposição alternante. Como se tivéssemos que escolher **ou** ficamos com a instância da letra ou com a razão freudiana. Neste segundo caminho alternativo de compreensão do título, enfatiza-se que o inconsciente descrito por Lacan não é exatamente o mesmo descrito pela racionalidade freudiana, com seu empirismo, com seu naturalismo e com seu desejo de ciência natural. Uma terceira leitura poderia sugerir que a primeira frase é a resposta para o problema colocado pela segunda. Como fica a razão depois que Freud colocou a hipótese do inconsciente? Resposta: a razão e o pensamento não podem mais ser os soberanos e a linguagem é sua vassala. Como se a linguagem fosse mero meio de expressão do pensamento. Neste caso

é preciso postular uma instância da letra, como uma resposta a razão que nos resta depois de Freud e da descoberta do inconsciente⁴³.

Instance (instância) quer dizer uma solicitação viva e apressada, uma demanda jurídica de urgência ou convocação. Como substantivo pode referir-se a zonas ou regiões do psiquismo, mas também zonas geográficas ou fiscais e ainda níveis de uma instituição ou de um processo. Há uma definição linguística de instância, proposta por Benveniste, autor que Lacan leu e empregou em suas primeiras incursões pelo estatuto dialético da linguagem. Segundo tal definição instância de discurso compreende “os atos discretos e a cada vez únicos da língua [langue] quando esta é atualizada em fala [parole] por um locutor.”⁴⁴ Portanto, instância pode ser tanto um lugar, o lugar da letra no inconsciente, quanto uma forma de temporalidade de instanciação e ainda um ato do sujeito, o ato de assumir a língua que se fala.

A indeterminação relativa do termo instância soma-se um problema semelhante com a expressão *lettre*. Ela pode significar letra, no sentido de caractere do alfabeto, mas também o estilo de escrita, a “*letra de alguém*” em uma carta. Ela indica o sentido literal ou descritivo de uma mis-

43. Chaiting G.D. - *Rhetoric and Culture in Lacan* -, Cambridge, 1996.

44. Benveniste, E. (1966) *Problèmes de ling. généralement*, t. 1, Paris, Gallimard, 1966, pag 251.

siva “à letra”, mas também uma “placa de carro”, uma “letra de câmbio”. Um segundo agrupamento de sentido liga *lettre* com carta, como em carta roubada (*lettre volée*), ou carta de crédito. Em terceira instância, surgem as ambiguidades entre escrita e fala, que remetem homofonicamente ao mesmo som: *l' être* (o ser).

A virada linguística de *Instância da letra* tem como prenúncio e condição o texto de 1953, *O mito individual do neurótico*⁴⁵, no qual se aplica, pela primeira vez, os movimentos da análise do mito, realizados por Lévy-Straus⁴⁶, à leitura estrutural de um caso clínico: o Homem dos Ratos. O mito como antípoda da razão, a carta do ser como contrário de seu destino, a letra material como substância do inconsciente.

Primeiro poeta e psiquiatra, depois mitólogo e filósofo para finalmente tornar-se linguista e psicanalista, eis a trajetória que antecede o escrito que iremos comentar.

“Aqui o linguista chega a supor
que os poetas compõem seus versos
da maneira como o pensamento mítico compõe
seu sistema de imagens”⁴⁷

45. Lacan, Jacques (1953) *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1953/2008).

46. Lévi-Strauss, Claude (1949) *A estrutura dos mitos*. In Antropologia Estrutural I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

47. Starobinski, Jean (1988) *Os Anagramas de Ferdinand de Saussure*